

A magua do cabocro

- Um sketch de Roberto Lís -

Ela - Manéco, ocê tá tom triste
ca cara dismacerada!
Que é que ocê tem que tá anssim?

Ele - Num é nada não, Rósinha.
É essa vida marvada
que num tem pena de mim.

Ela - Inhante ocê era alegre,
ria, brincava ca gente,
dispois... anssim di repente,
sem dizê nada pruguê,
ocê ficô burricido,
calado, quêto, incuído...
Cabocro ocê tá murdião
ou viu sacy-peêrê!

Ele - Nem uma cousa nem outra.
Eu só pôsso le dizê
que a vida que a gente leva
num paga a pena vivê!

Ela - A vida é bôa, Manéco,
percisa é sabê levá;
néga o que a gente le péde
e o que num péde ela dá;
é num vale sê teimosa
pruguê a vida é caprichosa
e só dá o que bem qué.

Ele - Isso chega pra amostrá
que ela tombem é muié.

Ela - Manéco, pulo que vejo
ocê tá disinludido.

Ele - Pra mim tá tudo perdido,
num vejo mais sarvação!
Ah vida marvada! Ah vida!...

Ela - Ocê tem é uma firida
no fundo do coração.
Mas num fique desse geito
sufreno tanta afrição.
Vô le arreceitá um remédio
pra ocê botá no seu peito
e ocê vai vê que a firida
em dois tempo toma geito.

Ele - Munto ubrigado, Rosinha,
num percisa si cansá
pruguê a tristeza que eu tenho
ocê num póde curá.

Ela - Puis eu le digo que curo
xeje a tristeza que fô;
si o má tá drento do peito
ocê percure otro amô.
Dexe tudo ahi prum canto,
vá pra longe, pra otras terra,
pra móde inxugá esse planto.
A lonjura é um bôo remedio
pra curá dô e cançera.

Ele - Mas minha dô é bestera
que ela num póde curá.
Dispois... o mundo é piqueno
e a dô córre atraiz da gente.

Ela - Ocê sufria mais meno,
si quizesse me contá
a rezão do sufrimento,
mas ocê tá rinitente...

Ele - Num quero falá, Rósinha,
ocê vai me adescurpá.

Ela - É farta de cunfiança?

Ele - Num é nada. Que insperança!
É que aperfiro calá.

Ela - Tá bôo, intonce descurpe
di tê burricido tanto.
E pra que ocê amióre
e os seus óio mais num chóre
vô rezá pro Esprito Santo.
E percure arreagi,
butá fóra esse sofrê,
alimpá seu coração.
Ripare o seu Alazão
cumo parece intendê
tudo que eu tô le dizen.
Parece inté ta sufreno
oiando triste pra ocê.

Ele - Meu cavalo é um bôo amigo
e no momento de magua
ele tá sempre cumigo.

Ela - Tá bôo, Manéco, inté lógo,
eu vou rezá pur mecê.

Ele - Inté lógo, agardecido.
Que Deus le dê bôo vivê.

(ouve-se um violão e uma voz que canta
á distancia: a canção: "Ocê num nasceu
pra mim" ... " Pausa em que só
se ouve a canção. Quando Maneco come-
ça a falar ela serve de fundo).

Alazão, meu bôo amigo,
eu tô em farta cumtigo
num te contei meu sofrê
e tu me vendo chorá
vem chorá junto cumigo
sem sabe memo pruguê.
Quantas veiz tenho incontrado
teus oio triste, parado,
oiando pra mim quebrado
cumo tivesse duente.
Eu sei que tu tá cismado
de vê anssim dirrubado
um cabocro tom valente.
Eu era cumo a parmera
que o vento sacóde intera
mas num póde dirrubá;
zombava da minha sorte,
num tinha medo da morte,
das peleia ou temporá!
Um dia aquela marvada
entô no meu coração,
jurô pra mim, feiz promessa
de vim morá no meu chão.
Veio nada! Foi cum otro
e me dexô, Alazão!...
Fiquei ca vida perdida
e adeus, cabocro de antão!
Num falava, num cumia,
de noute já não drumia
prezo naquela lembrança,
e eu que sempre escarnecia
dos caboco que chorava,
quano a sodade apertava
chorava quem nem criançã!
Um dia jurei vingança
e fui em percúra dela;

caminhei dia após dia,
preso naquela ingunia
ca cara seca, amarela,
os oio fundo, briando;
quem me visse pensaria,
anssim num mal cumparando
que eu era a propria lucura!
E eu siguia caminhano,
caminhano, caminhano,
sem contá tempo ou lunjura!
Um dia topei um rancho
cum cerca de arame em vorta,
bem na buquinha da mata;
passei pra drento da cerca
e pula fresta da porta,
seu Alazão, vi a ingrata!
Sinti drento do meu peito
uma réiva e um despeito
que num quiz sabê de nada,
ganhei pra drento do rancho
e já no premero gorpe
adirrubei a marvada.
Dei-le cinco punhalada
pra matá junto cum ela
a reiva que eu tinha em mim,
mas quano vi ela caída,
cas facia discolorida
eu num sei o que sintim.
Sai numa disparada,
numa currida sem fim.
Mas quanto mais longe eu ia
pió a currida aquela
pruquê eu via os oio dela
cada veiz mais fixo em mim.
Dispois, o tempo passano,
seus oio forum deixano
aos pouco de atrumentá,
té que um dia se apagaram.
Foi entonce que os meus oio
desde aí num se ageitarum
ca farta do seu oiá!
Era a sodade, meu pingo,
que vinha me visitá;
feiz casa na minha casa
pra nunca mais me dexá!
Hoje ela veve cumigo
toda a hora, todo o instante,
traiz meu peito assuluçante,
faiz sofrê meu coração.
Pruquê que inzeste a sodade?
Responde, meu Alazão!
Teus oio tá me dizeno
que tu tombem tá sofreno,
sofreno ca minha dô
e o teu oiá de amizade
vem me dizê que a sodade
é o remorso desse amô!...